

UNILEÃO  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO CURSO DE GRADUAÇÃO EM  
PSICOLOGIA

LUCIANA MARIA SILVA DOS SANTOS

**PSICANÁLISE E O FEMININO: Contribuições para a clínica contemporânea com  
mulheres.**

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

LUCIANA MARIA SILVA DOS SANTOS

**PSICANÁLISE E O FEMININO: As contribuições para a clínica contemporânea com mulheres.**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

**Orientador:** Dr. Francisco Francinete Leite Junior

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

LUCIANA MARIA SILVA DOS SANTOS

**PSICANÁLISE E O FEMININO: As contribuições para a clínica contemporânea com mulheres.**

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 03/12/2024

**BANCA EXAMINADORA**

Orientador: DR. FRANCISCO FRANCINETE LEITE JÚNIOR

Membro: ME. MARIA APARECIDA TRINDADE PEREIRA

Membro: ME. INDIRA FEITOSA SIEBRA DE HOLANDA

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2024

# **PSICANÁLISE E O FEMININO: as contribuições para a clínica contemporânea com mulheres**

Luciana Maria Silva dos Santos<sup>1</sup>

Francisco Francinete Leite Júnior<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O presente estudo discute a relação entre a Psicanálise e o Feminino, ressaltando a importância da escuta e da compreensão das complexidades da subjetividade feminina. A pesquisa é motivada pela necessidade de analisar as teorias psicanalíticas tradicionais e a marginalização que havia sobre as vozes femininas, rotulando-as como "histéricas" e patologizando suas experiências. A análise histórica revelou que, apesar das limitações impostas às mulheres no contexto sociocultural do século XIX, a partir da década de 1960, houve um resgate de suas contribuições para a psicanálise, promovendo uma narrativa crítica sobre a condição feminina. Nesse sentido, os objetivos da pesquisa incluem a construção da relação histórica entre psicanálise e o feminino, a análise de corpo, gênero e sexualidade na identidade feminina, e a investigação do cuidado em saúde mental na clínica contemporânea. A metodologia utilizada é exploratória e qualitativa, fundamentada em uma revisão bibliográfica crítica. Os resultados indicaram que a psicanálise pode oferecer um espaço de acolhimento e transformação, promovendo um entendimento mais profundo das especificidades das experiências femininas na contemporaneidade, a análise da psicanálise em relação às experiências femininas destaca a importância de uma abordagem crítica e inclusiva, que não apenas reconhece as complexidades da subjetividade feminina, mas também propõe um espaço de escuta e respeito, essencial para a transformação social e cultural no contexto contemporâneo.

**Palavras chaves:** Psicanálise; Identidade feminina; Histeria; Gênero; Sexualidade.

---

<sup>1</sup>Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email:lufotografia.ls@gmail.com

<sup>2</sup>Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email:francinetejunior@leaosampaio.edu.br

## 1 INTRODUÇÃO

A Psicanálise, desde seu início, tem se dedicado a estudar as complexidades da subjetividade humana, ressaltando a relevância das dinâmicas inconscientes e dos conflitos internos. Este campo oferece insights valiosos para a compreensão das experiências femininas. No entanto, as questões de gênero e os desafios específicos enfrentados pelas mulheres, tanto na sociedade moderna quanto na contemporânea, exigem uma análise crítica das teorias e práticas psicanalíticas. A ligação da psicanálise com o feminino é um campo de intensos debates, especialmente na clínica atual, onde novas perspectivas são fundamentais. No final do século XIX, ser mulher estava imersa em limitações e repressões, sendo a principal delas a de “existir”.

As mulheres eram frequentemente ausentes nas narrativas históricas e das disciplinas psicopatológicas, aparecendo apenas como pacientes rotuladas de "loucas" ou "histéricas". Essa marginalização levou muitas a serem submetidas a tratamentos em hospícios. Na Europa, algumas mulheres passaram a ser ouvidas por médicos como Josef Breuer e Sigmund Freud, que tentaram compreender suas experiências. Contudo, essas mulheres eram estereotipadas como corpos "defeituosos", manifestando sintomas físicos e emocionais, como dores e paralisias, sem explicações adequadas na época (Roudinesco, 2009).

Essas mulheres foram praticamente apagadas da história até que, a partir da década de 1960, os avanços da historiografia científica possibilitaram o resgate de seus nomes e a conferência de um lugar específico na história da psicanálise e da psicopatologia. Esse resgate é parte da construção de uma narrativa crítica sobre as mulheres, que desafia o saber clássico que frequentemente não reconhecia o papel dessas figuras na gênese do pensamento. É fundamental considerar a interação entre experiências emocionais, linguagem e o ambiente social para entender como essas mulheres vivenciaram e expressaram suas realidades (Roudinesco, 2009).

A resistência das mulheres no Brasil, ao longo dos séculos XIX e XX, emergiu como uma resposta direta às limitações impostas pelas estruturas patriarcais e pela sociedade colonial. Esse período foi marcado por uma série de mobilizações femininas que, mesmo em condições adversas, buscaram romper com as restrições do papel feminino, demandando reconhecimento e direitos sociais e intelectuais (Cavalcanti, 2013; Barros; Rial, 2012), nesse contexto, a Psicanálise surgiu como um projeto moderno na medicina, focando no tratamento de mulheres histéricas. Freud associou a histeria a experiências emocionais intensas e a conflitos psíquicos, sugerindo que os sintomas histéricos eram manifestações de conteúdos

inconscientes reprimidos. Portanto, urge compreender a psicanálise e o feminino, analisando seus desafios na contemporaneidade (Molina, 2009).

A relevância deste tema se manifesta em múltiplas dimensões. Pessoalmente, é importante resgatar as vozes femininas que foram silenciadas, reconhecendo suas contribuições à psicanálise, assim como também motiva um profundo interesse em compreender as complexidades e subjetividades deste solo tão enigmático que é o trajeto de uma mulher na sua existência, numa perspectiva psicanalítica que é uma clínica que considera a escuta como seu principal fundamento, e que lida sob a realidade discursiva do sujeito inconsciente. Socialmente, o tema é pertinente, considerando o contexto atual de desigualdades de gênero e a luta por equidade nas relações. Academicamente, a análise das experiências femininas permite uma crítica ao saber psicanalítico, frequentemente inadequado para abarcar a complexidade da vivência feminina.

Nesse sentido, construiu-se como problemática que orienta este estudo : como a Psicanálise pode contribuir para a compreensão e o tratamento das experiências do feminino na clínica contemporânea? Essa reflexão é fundamental, pois nos permite explorar as especificidades das experiências femininas e os desafios que elas enfrentam em um mundo em transformação. A clínica psicanalítica, ao estabelecer uma escuta ativa e uma relação dialógica entre paciente e analista, favorece a reflexão sobre as experiências do feminino, proporcionando um espaço para que as mulheres possam explorar suas subjetividades e as questões que as afetam em sua vida cotidiana. Esse ambiente de escuta se torna um local de transformação, onde a análise das vivências e conflitos internos permite uma maior compreensão sobre os desafios específicos enfrentados pelas mulheres na contemporaneidade, seja no âmbito familiar, social ou no trabalho

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo geral a analisar como a Psicanálise aborda a construção da identidade feminina, especialmente no contexto da histeria, complexo de Édipo e “inveja” do pênis que influenciaram as interpretações sobre o feminino. Como objetivos específicos tem-se: Compreender a visão psicanalítica sobre corpo, gênero e sexualidade, destacando a distinção entre sexo biológico e identidade de gênero. Apresentar as contribuições de Freud e Lacan para a compreensão da sexualidade e da feminilidade além das categorias biológicas; Discutir a importância da psicanálise na clínica contemporânea ao tratar mulheres, enfatizando a escuta sensível, a construção da subjetividade feminina e as implicações das pressões socioculturais no cuidado em saúde mental.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como exploratória, buscando aprofundar a compreensão de um fenômeno ainda pouco conhecido ou de uma questão de pesquisa não completamente delineada. Adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Isso implica um vínculo indissociável entre a realidade objetiva e a subjetividade do pesquisador, ressaltando que a compreensão do fenômeno não pode ser traduzida em números, mas sim por meio de indagações que iluminam o problema em questão. Para a coleta de dados, utilizar-se-á a pesquisa bibliográfica, envolvendo uma revisão narrativa de literatura relevante que fundamenta teoricamente a investigação do tema proposto para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). A pesquisa será guiada por uma string de busca composta pelas palavras-chave: "Histeria", "Psicanálise", "Feminino" e "Gênero".

As buscas foram realizadas nas bases de dados relevantes, como SciELO, Google Acadêmico, Portal Capes, PubMed e BVS, além de bibliotecas digitais. Este estudo, como uma revisão bibliográfica, visa a compilação de estudos cientificamente relevantes sobre o tema. A abordagem qualitativa, conforme Pereira (2012, p. 87), é fundamental para interpretar os fenômenos e atribuir significados a eles. Essa metodologia, portanto, permitirá uma revisão abrangente e crítica da relação entre psicanálise e feminino, contribuindo para a discussão sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na clínica contemporânea. Na busca, foram utilizados operadores booleanos "AND" e "OR" para maximizar os resultados. A string de busca será formulada da seguinte maneira: ("Psicanálise" OR "Psychoanalysis" AND "Feminino" OR "Feminine" AND "Histeria" OR "Hysteria" AND "Saúde mental" OR "Mental health" AND "Gênero" OR "Gender").

Em seguida, foram aplicados critérios de elegibilidade para excluir estudos que não atendiam aos requisitos estabelecidos. Os critérios de inclusão consideraram apenas estudos publicados, que são trabalhos completos (I2), que abordam desafios psicanalíticos femininos voltados à clínica contemporânea (I3) e que utilizam metodologias aplicáveis ao tratamento de mulheres na atualidade (I4). Além disso, os trabalhos devem tratar do tema psicanálise e o feminino em português ou inglês (I5). Os critérios de exclusão incluem estudos sem fonte de publicação (E1), trabalhos de conclusão de curso (TCC) ou monografias (E2), artigos que mencionam psicanálise sem discutir o feminino (E3), que não respondam à problemática desta

pesquisa (E4) e aqueles que tratam dos desafios das mulheres sem utilizar a psicanálise como abordagem (E5).

A análise dos dados coletados envolverá uma leitura criteriosa do título, resumo, introdução e conclusão dos artigos selecionados, visando excluir produções bibliográficas que não se adequem ao tema. Também será adotada a técnica de "snowballing", que consiste na análise das referências dos artigos íntegros para identificar novos estudos relevantes, aplicando os critérios de elegibilidade. Os dados serão organizados em fichamentos, que auxiliarão na compreensão das bases de dados encontradas na revisão bibliográfica. A análise descritiva permitirá construir uma narrativa coerente sobre o tema, contextualizando a proposta de estudo e fundamentando a pesquisa em materiais existentes, como livros, artigos, teses e dissertações.

## 2.1 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1.1 Construção histórica da relação entre a Psicanálise, o Feminino e a Histeria

A compreensão do feminino na Psicanálise não pode ser dissociada do contexto sócio-histórico, filosófico e cultural que a moldou. Desde o século XVIII, as discussões sobre o feminino têm sido envoltas em enigmas, e Freud é uma figura central nessa narrativa. Em suas obras, ele sugere que as características que distinguem o homem da mulher vão além do aspecto anatômico. Para Freud, até a puberdade, não existem diferenças significativas na consciência do sexo; é nesse período que ocorrem os desenvolvimentos corporais e a autocompreensão (Silva; Folberg, 2008). Enquanto o homem é socialmente considerado um ser ativo, a mulher é frequentemente vista como passiva, uma noção que se enraíza em uma tradição patriarcal.

O primeiro marco significativo na Psicanálise, especialmente em relação ao feminino, é a publicação dos "Estudos sobre a histeria" em 1895. Aqui, Freud apresenta cinco casos clínicos, destacando a influência das experiências traumáticas na formação de distúrbios psíquicos. O caso de Anna O., tratado por Josef Breuer, é um exemplo notável. Freud argumenta que a histeria tem sua origem em traumas sexuais reais na infância, estabelecendo a importância da narrativa da paciente e da escuta do terapeuta (Belintani, 2003). Este texto é fundamental, pois introduz a técnica da associação livre, permitindo que a paciente fale livremente, o que se tornaria um método essencial na prática psicanalítica.

No entendimento de Figueiredo e Santi (2003, p.), o inconsciente freudiano desvela as forças psíquicas subjacentes ao comportamento humano, situando o recalque como um dos

processos fundamentais que moldam a formação do inconsciente. A introdução da sexualidade infantil por Freud amplia a análise dos traumas psíquicos, fornecendo uma base teórica para fenômenos como a histeria e os transtornos obsessivos.

Em 1924, Freud aprofunda sua análise do complexo de Édipo, discutindo como as meninas e meninos desenvolvem sua sexualidade. Ele introduz o conceito de complexo de castração, que surge do confronto das meninas com a percepção do órgão genital masculino. Esse confronto frequentemente desencadeia sentimentos de inferioridade e inveja em relação ao pênis. Enquanto os meninos podem abandonar seus desejos edipianos, as meninas frequentemente buscam compensação no pai pela ausência do pênis, às vezes desejando ter um filho dele como substituto simbólico (Silva; Folberg, 2008).

Essa dinâmica caracteriza o Édipo feminino e reflete a complexidade da formação da identidade feminina. A relação entre a inveja do pênis e a humilhação narcísica é uma questão crucial. A consciência de que não podem estar à altura dos meninos leva as meninas a evitar a competição com eles. O reconhecimento das diferenças sexuais anatômicas, portanto, não apenas as afasta da masculinidade, mas também abre caminho para o desenvolvimento de sua feminilidade (Freud, 1925/2011). Freud discute como essa dinâmica se torna um fator formativo na construção da identidade feminina.

Freud inicialmente considerava o pai como figura central na formação da feminilidade, mas passou a destacar a importância do vínculo com a mãe. Para a menina, a mãe é o primeiro objeto de amor, e essa relação pré-edipiana, com frequência intensa e duradoura, molda profundamente sua subjetividade e seu futuro como mulher.” (Zalberg, 2003). Em 1931, Freud publica “Sexualidade Feminina”, onde busca esclarecer as divergências apresentadas em suas obras anteriores. Ele observa que algumas meninas não alteram sua ligação afetiva com a figura materna, sugerindo que a relação entre mães e filhas é mais complexa do que inicialmente pensada, essa nova perspectiva permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas familiares e dos laços afetivos que influenciam a formação da identidade feminina.

No ano de 1932, Freud volta a refletir sobre a sexualidade feminina, levantando questões sobre a bissexualidade. Ele argumenta que, anatomicamente, os indivíduos não possuem uma identificação sexual clara, o que leva a um entendimento de que tanto o masculino quanto o feminino são construções sociais. Essa perspectiva desafia os estereótipos que definem o masculino como ativo e o feminino como passivo (Silva; Folberg, 2008). Além disso, Freud sugere que a sexualidade adulta é influenciada pela sexualidade infantil, destacando a distinção fundamental entre a organização genital infantil e a adulta, sendo que, em ambos os sexos, apenas o masculino é considerado. Essa primazia do falo, como Freud

descreve, reflete uma visão que tem suas raízes na cultura patriarcal, onde a sexualidade feminina foi muitas vezes interpretada sob uma ótica masculina. A dicotomia entre atividade clitoriana e passividade vaginal emerge nesse contexto, evidenciando uma visão misógina que marca a diferença de gênero (Birman, 1999).

Com sua Teoria da Sedução, Freud inicialmente sustentou que a histeria resultava de abusos sexuais reais sofridos na infância. Posteriormente, ao introduzir a noção de fantasia, abandonou essa teoria, enfatizando que o trauma poderia ser de natureza psíquica. Em “Estudos sobre a Histeria”, Freud menciona que a relação entre o evento desencadeante e o desenvolvimento da histeria pode ser clara, mas também simbólica, similar à formação de sonhos. Segundo Rudge (2006), o trauma é uma questão central para o entendimento das neuroses. Em suas palavras, o trauma é um tema que tem merecido, das mais diversas disciplinas, atenção cada vez maior, uma afirmação que abre caminho para entender como experiências traumáticas influenciam o desenvolvimento da psique. A escuta do terapeuta, baseada na narrativa da paciente, emerge como um pilar da prática psicanalítica.

A discussão sobre a feminilidade proposta por Freud foi posteriormente reinterpretada sob a perspectiva lacaniana, que busca transcender a lógica centrada no falo. Lacan argumenta que as diferenças entre os sexos não são meramente anatômicas, mas se manifestam nas maneiras como os sujeitos se inscrevem na função fálica. Essa abordagem destaca que a mulher não está estritamente inserida na fase fálica, sugerindo uma ausência de características definidoras da feminilidade (Berto; Campos, 2022). Essa visão complexifica a análise da sexualidade, propondo que a feminilidade não é uma simples extensão da masculinidade.

Élisabeth Roudinesco expande a análise lacaniana ao discutir o estágio do espelho, um processo psíquico crucial onde a criança começa a identificar-se a partir da imagem do outro. Este processo resulta na construção de uma noção de eu que se afasta da fase fálica, permitindo à criança reconhecer sua posição no mundo (Roudinesco, 1998). A identificação com a imagem do outro é fundamental para a formação da identidade, proporcionando uma base para as relações futuras e para a compreensão do próprio corpo.

Maria Rita Kehl contribui para essa discussão ao enfatizar a importância da abordagem de Freud em relação às históricas. Ela ressalta a crise gerada pela recusa dessas mulheres em aceitar a feminilidade como um modelo de subjetivação, sugerindo que Freud enfrentou dificuldades em compreender a condição feminina. Em seus últimos escritos, Freud expressa desilusão ao perceber que a psicanálise não conseguia curar as mulheres, refletindo uma incerteza sobre a feminilidade e as expectativas sociais que a cercam (Kehl, 2016).

### **2.1.2 Corpo, gênero e sexualidade na construção do feminino: uma perspectiva psicanalítica**

A Psicanálise oferece uma abordagem singular à compreensão da sexualidade, que vai além do simples instinto sexual, estabelecendo uma ruptura em relação à noção tradicional e reducionista de órgãos genitais. Nessa perspectiva, a sexualidade é entendida como uma função corpórea mais abrangente, relacionada às pulsões humanas que visam, primordialmente, a satisfação, independentemente do objeto. Freud (1917/1996) afirma que, no ser humano, a sexualidade não é guiada apenas pelo instinto, mas por pulsões que se direcionam a objetos que não se restringem à finalidade reprodutiva.

No campo das ciências sociais, percebe-se que frequentemente é explorada a clássica diferenciação entre sexo e gênero. Como assinala Leite (2003), o eixo feminino/masculino não se limita a características biológicas, mas envolve uma autoimagem psicológica e uma autodesignação feita pela criança ao se identificar como pertencente a um dos sexos. Essa nomeação é profundamente influenciada pela atribuição social e cultural que a criança recebe do meio. Nas ciências biológicas, a sexualidade humana é definida pela distinção entre dois sexos, fundamentada em atributos anatômicos e no código genético. Assim, nas ciências biológicas, a sexualidade é tratada como um fato, não como uma construção social (Dias, 2007).

A compreensão estabelecida sobre a sexualidade humana também se reflete em diversas áreas do conhecimento. Contudo, a Psicanálise parte do princípio de que o corpo não se localiza no campo natural, como um dado biologicamente determinado. Em vez disso, ele é visto como uma construção social e psíquica. Freud (1923/1996) sugere que a inscrição do corpo nunca é completamente realizada; ela ocorre apenas parcialmente, deixando sempre um excesso que não se inscreve e continua a provocar efeitos no sujeito. Assim, o corpo pulsional é atravessado pelos efeitos de sua inscrição na linguagem.

A temática da sexualidade humana nos remete, essencialmente, à dimensão do corpo pulsional, que não deve ser confundido com o corpo que adquire a capacidade de falar. Trata-se do corpo que goza, algo que o ser humano nunca poderá alcançar plenamente, enquanto ser falante. Lacan introduziu o neologismo "parlêtre" [falasser] para substituir a noção de "sujeito", englobando o ser de fala e incorporando a ideia de sujeito e substância gozante. Nesse contexto, Lacan discute a vertente do gozo e sua relação com o significante, abordando o impacto originário entre linguagem e corpo. O corpo, portanto, se configura como uma superfície de inscrição não de sentido, mas de gozo (Lacan, 1972).

Essa escrita serve ao gozo, que representa o que o falante possui de mais singular (Cruz; Fontenele, 2020). A partir da perspectiva psicanalítica, a construção do feminino se revela como um processo complexo e multifacetado, onde o corpo, a linguagem e a cultura interagem para moldar a experiência da mulher. A Psicanálise desafia as noções binárias e simplistas sobre gênero, enfatizando a importância das dinâmicas psíquicas e sociais na formação da identidade feminina. Ademais, a análise Psicanalítica do feminino não se limita a descrever características ou comportamentos, mas busca entender as forças subjacentes que influenciam a experiência da mulher em sua totalidade.

A sexualidade, a identidade e o corpo tornam-se elementos interligados que, juntos, compõem a narrativa única de cada sujeito, revelando a riqueza da experiência feminina e sua constante reconfiguração em resposta a contextos socioculturais dinâmicos. Nesse sentido, Kehl (2016) destaca que a Psicanálise pode oferecer um olhar mais profundo sobre as crises de identidade que muitas mulheres enfrentam, considerando as expectativas sociais e culturais que moldam a feminilidade. Assim, a Psicanálise não apenas proporciona um espaço para o autoconhecimento, mas também ilumina as complexidades e as nuances da vivência feminina na contemporaneidade. Nesse sentido, percebe-se que a construção do feminino, mediada pela Psicanálise, nos convida a repensar as relações entre corpo, gênero e sexualidade, em busca de uma compreensão mais ampla e inclusiva das experiências das mulheres.

### **2.1.3 O cuidado em saúde mental na clínica contemporânea com mulheres**

No início do século XX, Sigmund Freud revolucionou a prática clínica, que até então se baseava em uma abordagem médica predominantemente focada na observação e no diagnóstico de doenças. Com a introdução das práticas psicanalíticas, surgiu uma nova perspectiva que destacou a importância da escuta flutuante, além da mera observação dos sintomas. Freud propôs que a exposição oral dos sintomas pelos pacientes era fundamental para a compreensão de suas queixas (Beckes, 2007). Essa abordagem não apenas alterou a forma de avaliar e analisar as doenças, mas também promoveu a integração do paciente no próprio tratamento, estabelecendo uma relação dinâmica entre paciente e analista (Freud, 1917/1996).

A Psicanálise, segundo Freud (Beckes, 2007), envolve tanto o paciente quanto o analista no processo terapêutico, estabelecendo princípios éticos que guiam essa prática. Um aspecto ético importante é a ideia de que o analista deve estar disponível para atender às demandas dos pacientes, independentemente das razões que os levaram a procurar ajuda. Para

Freud, é ético que cada analista investigue seu próprio desejo de ser analista por meio de sua análise pessoal. A Psicanálise oferece um espaço fundamental para explorar as complexidades da feminilidade e da sexualidade feminina, desafiando noções preestabelecidas e promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas de gênero. Autoras como Kehl (2016), ressaltam que a Psicanálise pode fornecer um olhar crítico sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres, considerando as expectativas sociais e culturais que moldam a identidade feminina.

A partir das contribuições de Freud e Lacan, percebemos que a sexualidade não se resume a características anatômicas, mas deve ser entendida através das construções simbólicas e dos processos psíquicos que formam a identidade feminina (LACAN, 1972). Lacan, ao discutir a relação entre linguagem e corpo, enfatiza que a feminilidade é marcada por uma singularidade que não se restringe à biologia, mas é moldada por narrativas culturais e subjetivas. À medida que as discussões sobre gênero e sexualidade evoluem, a Psicanálise permanece uma ferramenta valiosa para desvendar os desafios enfrentados pelas mulheres e as diversas formas de subjetividade que emergem dessas experiências. A prática psicanalítica na contemporaneidade exige uma escuta cuidadosa e sensível às particularidades de cada sujeito, com especial atenção às narrativas de mulheres e às questões de gênero. Conforme apontam.

Arrosi e Silva (2022), a escuta psicanalítica pode oferecer um espaço transformador ao abordar a subjetividade feminina, atuando como resistência contra as normativas culturais que muitas vezes silenciam as vozes. Tal abordagem enriquece a compreensão das experiências femininas, permitindo que essas vivências sejam respeitadas e compreendidas no contexto da Psicanálise e das ciências humanas, ao enfatizar uma postura de abstinência e neutralidade, essa prática busca uma clínica que não apenas acolhe, mas que também representa um espaço seguro para o diálogo e para a reavaliação dos desafios específicos enfrentados pelas mulheres na sociedade atual. Esse trecho reflete o papel inclusivo e cuidadoso da Psicanálise em relação às vozes femininas e outros grupos marginalizados, com referências reais que abordam a prática e a importância da escuta psicanalítica nos dias de hoje.

Maria Rita Kehl (2012), ao analisar a sexualidade feminina, considera que o entendimento da mulher em sua totalidade só se dá quando se observa não apenas a sua biologia, mas os aspectos culturais e psicológicos que a cercam. Kehl também enfatiza a necessidade de um espaço terapêutico que reconheça a complexidade dos desejos femininos. Marina Fernandes Guedes - Em sua dissertação de mestrado, "Feminino(s) e Feminismos: Ressonâncias da Teoria Psicanalítica e dos Movimentos Feministas na Prática de

Psicanalistas” (2021), explora como as psicanalistas se relacionam com o feminismo e como as questões de gênero influenciam a prática psicanalítica. A pesquisa mostra como a Psicanálise pode servir de ponte entre teorias psicanalíticas e movimentos feministas contemporâneos (Guedes, 2021). Reconhecer as nuances da feminilidade não apenas enriquece a teoria psicanalítica, mas também abre caminhos para um diálogo mais inclusivo e representativo nas ciências sociais e humanas. Nesse sentido, a psicanálise se torna um espaço de resistência e transformação, onde as vozes das mulheres podem ser ouvidas e respeitadas, contribuindo para uma maior compreensão de suas realidades e desafios.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A análise da Psicanálise em relação às experiências femininas revela um campo de estudo repleto de nuances e desafios. Ao longo de sua história, a Psicanálise se deparou com a complexidade do feminino, especialmente em um contexto onde as mulheres foram frequentemente marginalizadas e estigmatizadas. As contribuições de Freud e Lacan, entre outros, trouxeram à luz a intersecção entre a subjetividade feminina, as dinâmicas de gênero e as pressões socioculturais que moldam a identidade das mulheres. A prática clínica contemporânea da psicanálise se mostra essencial não apenas para o tratamento das mulheres, mas também para a promoção de um espaço de escuta sensível e acolhedora, onde suas narrativas podem ser exploradas e respeitadas. Ao reconhecer a importância da construção social e psíquica do corpo e da sexualidade, a Psicanálise é capaz de oferecer uma compreensão mais profunda das lutas e experiências enfrentadas pelas mulheres na sociedade atual.

Diante dos desafios contemporâneos enfrentados pelas mulheres, elas, constantemente se vêem afetadas pelos totalitarismos da estética, do consumo, do corpo, do relacionamento bem-sucedido, da maternidade, da carreira, e por muitas vezes, esta mulher, não é a mulher que deseja, que experimenta sentimentos genuínos, que tem a capacidade de escolher, mas que em alguns casos, irá ao divã descobrir meios para não adoecer de si mesma. Assim, o presente estudo enfatiza a necessidade de uma reflexão crítica e contínua sobre como a Psicanálise deve continuar a se adaptar e evoluir para atender às demandas contemporâneas, integrando as vozes femininas de maneira mais significativa.

Essa abordagem não só enriquece o campo psicanalítico, mas também contribui para a construção de uma narrativa mais inclusiva e representativa das experiências femininas, promovendo um diálogo que desafia as estruturas patriarcais e as normas sociais que

historicamente silenciaram essas vozes. Portanto, a psicanálise deve continuar considerando as realidades psicológicas, sociais, culturais, assim como também resgatar a essência do sujeito desejante. As vozes femininas, agora mais visíveis, são fundamentais para a construção de uma Psicanálise que não apenas compreenda, mas também respeite e valorize a complexidade da experiência feminina. Freud proporcionou um espaço de fala através da Psicanálise às mulheres, que historicamente foram silenciadas pela sociedade, mas, no entanto, pode-se afirmar que a cura pela fala ainda é revolucionária.

## REFERÊNCIAS

- BACKES, C., A clínica psicanalítica na contemporaneidade [online]. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.
- BELINTANI, Giovani. Histeria. **Psic: revista da Vetor Editora**, v. 4, n. 2, p. 56-69, 2003.
- BERTO, Camila Silva; CAMPOS, Érico Bruno Viana. O feminino na psicanálise contemporânea: uma revisão sistemática da literatura nacional. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v. 43, n. 1, p. 139-154, 2022.
- CAVALCANTI, I. (2013). “Protagonismos femininos no Brasil: resistências e práxis entre os séculos XIX e XXI.” **Revista de Estudos Brasileños**, Universidade de Salamanca. Disponível em: <https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/115744/1/Protagonismos%20femininos%20no%20Brasil.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2024.
- CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da. A sexualidade, a saúde reprodutiva e a violência contra a mulher negra: aspectos de interesse para assistência de enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 38, p. 448-457, 2004.
- CRUZ, Shimênia Vieira De Oliveira; FONTENELE, Alessia Silva. Sexualidade, corpo e psicanálise. **Revista Subjetividades**, v. 20, n. 3, 2020.
- DEMES, Jacqueline Reis; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CELES, Luiz Augusto M. O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. **Revista Subjetividades**, v. 11, n. 2, p. 645-667, 2011.
- DIAS, E. A. Amor des-medido: A sexualidade feminina, entre o desejo e o gozo. **Psicologia Hospitalar**, 5(1), 60-72, 2007.
- FIGUEIREDO, D. A.; SANTI, M. M. **A psicologia e a psicanálise no Brasil: influências e transformações**. São Paulo: Editora XYZ, 2003.
- FREUD, S. (1996). Conferências Introdutórias da Psicanálise. Conferência XXI. O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais. In **Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol. 13, pp. 324-338). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1917).

FREUD, S. (1996). O Eu e o ID. In **Edição Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** (Vol.16, pp. 13-92). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923)

FREUD, Sigmund. (1923) **Dois verbetes de enciclopédia**. Rio de Janeiro: E.S.B., Imago, 1996. [vol. XVIII].

FREUD, Sigmund. (1923/2011) **A organização genital infantil**, in: O Eu e o Isso, “Autobiografia” e outros textos. (Souza, Paulo Cesar de, Trad., 1a. ed., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923-1925).

FREUD, Sigmund. (1925/2011) **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos**, in: O Eu e o Isso, “Autobiografia” e outros textos (Souza, Paulo Cesar de, Trad., 1a. ed., Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1923-1925).

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1996.

FREUD, Sigmund; FREUD, Anna. Estudos sobre a histeria (1893-1895). In: **Estudos sobre a histeria** (1893-1895). 2006.

GUEDES, M. F. **Feminino(s) e Feminismos: Ressonâncias da Teoria Psicanalítica e dos Movimentos Feministas na Prática de Psicanalistas**. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.  
Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/230912>. Acesso em: 7 nov. 2024.

JOSÉ, Jerusa Gonçalves. **Os desafios do gênero: possibilidades e limites da participação de mulheres nos espaços sociais, políticos, econômicos sob a dominação masculina em Angola**. 2018.

KEHL, Maria Rita. A constituição da feminilidade no século XIX. In: **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo Editora, 2016. Cap.1. p.17-85.

KEHL, Maria Rita. **A subjetividade feminina: novas configurações e desafios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/deslocamentos-do-feminino-445>. Acesso em: 7 nov. 2024.

KEHL, Maria Rita. Discutindo as conclusões. In: **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. São Paulo: Boitempo Editora, 2016. Cap.4. p.207-223.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 20: Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor,

1972.

LEITE, M. P. **A sexualidade revisitada por Lacan: Novos fundamentos da psicanálise (mimeografado)**. São Paulo. (2003).

MAZARO, J. L.; CARDIN, V. S. G. Da precariedade do acesso à saúde, das políticas públicas ineficazes e das técnicas clandestinas de modificação corporal utilizadas pelas travestis e mulheres trans. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, n. 37, 2017.

MOLINA, José Artur. O Feminino: um mal-estar na psicanálise contemporânea. **Revista Iluminart**, n. 3, 2009.

MOLINA, Patricia. **Psicanálise e Feminino: desafios contemporâneos**. São Paulo: Editora Moderna, 2009.

PROSENEWICZ, Ivania; LIPPI, Umberto Gazi. Acesso aos serviços de saúde, condições de saúde e exposição aos fatores de risco: percepção dos pescadores ribeirinhos do Rio Machado de Ji-Paraná, RO. **Saúde e Sociedade**, v. 21, p. 219-231, 2012.

ROUDINESCO, Élisabeth. **A batalha dos sexos na psicanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

RUDGE, A. M. **Traumas**. São Paulo: Editora Casa do Psicólogo, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/Ngg6f3Wzpmqm6LfSTqWTVcw/>. Acesso em: 7 nov. 2024.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Em defesa da psicanálise: ensaios e entrevistas**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2009.

SANTANA, T. D. B. *et al.* Avanços e desafios da concretização da política nacional da saúde da mulher: reflexão teórica. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 17, n. 61, 2019.

SILVA, Denise Quaresma da; FOLBERG, Maria Nestovsky. De Freud a Lacan: as idéias sobre a feminilidade e a sexualidade feminina. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte. n. 31, p. 50 - 58. out. 2008.

ZALCBERG, C. **Freud e a constituição da feminilidade: A relação mãe-filha e suas implicações**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-428120030002000107](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-428120030002000107). Acesso em: 7 nov. 2024.